

---

## Marcas d'água de livros impressos em Portugal (séculos XV-XVIII)

Recolha na Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa

*Watermarks of printed books in Portugal (XV-XVIII Centuries). Collection in the  
Library of the Academia das Ciências de Lisboa*

**Henrique Tavares e Castro**

---



### **Edição electrónica**

URL: <http://journals.openedition.org/cultura/2350>

DOI: 10.4000/cultura.2350

ISSN: 2183-2021

### **Editora**

Centro de História da Cultura

### **Edição impressa**

Data de publicação: 1 Dezembro 2014

Paginação: 39-43

ISSN: 0870-4546

### **Refêrencia eletrónica**

Henrique Tavares e Castro, « Marcas d'água de livros impressos em Portugal (séculos XV-XVIII) », *Cultura* [Online], Vol. 33 | 2014, posto online no dia 06 abril 2016, consultado a 01 maio 2019. URL : <http://journals.openedition.org/cultura/2350> ; DOI : 10.4000/cultura.2350

---

Este documento foi criado de forma automática no dia 1 Maio 2019.

© CHAM — Centro de Humanidades / Centre for the Humanities

---

# Marcas d'água de livros impressos em Portugal (séculos XV-XVIII)

Recolha na Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa

*Watermarks of printed books in Portugal (XV-XVIII Centuries). Collection in the Library of the Academia das Ciências de Lisboa*

Henrique Tavares e Castro

---

- 1 Em finais do ano de 2009, o Prof. Artur Anselmo houve por bem estender-me o honroso convite para participar do núcleo de universitários e estudiosos da História do Livro que desenvolveriam o Projecto “Iconografia do livro impresso em Portugal (séculos XV-XVIII) – Marcas tipográficas e insígnias de papeleiros”.
- 2 Tenho para mim que à memória incansável do Professor ocorreu a circunstância de, em tempos, me ter dedicado ao estudo de marcas d'água. De facto – vida breve, longa jornada – cumprem-se agora precisamente 25 anos da data em que o Professor sugeriu o meu nome ao saudoso Eng.º Alegre Ribeiro, a quem aqui presto a minha homenagem, grato por, durante esses anos de intenso convívio, me ter ensinado o quanto o espírito se engrandece quando ao saber e acção de índole técnica se é capaz de aliar a sã curiosidade pelo mundo da denominada cultura humanística.
- 3 Em 1986, aceitei, pois, o convite formulado por Alegre Ribeiro, em representação da Tecnicelpa, para coordenar um grupo de trabalho que procedesse à investigação de marcas d'água existentes em manuscritos e impressos portugueses.
- 4 Este grupo integrava o Centro de Estudos da História do Papel, da Tecnicelpa – cujo presidente era então o Eng.º João Vinagre –, que passou a denominar-se GIMA – Grupo de Investigação de Marcas d'Água.
- 5 Este grupo de investigadores procedeu à recolha e arquivo, por um lado, de marcas d'água existentes em livros impressos em Portugal entre 1501 e 1548; e, por outro, das marcas d'água dos manuscritos provenientes de fundos de mosteiros portugueses.

- 6 A primeira destas vertentes de investigação teve a superior orientação do Prof. Artur Anselmo; a segunda, a do Prof. Aires Nascimento.
- 7 Sabemos hoje que esse extenso acervo de marcas d'água recolhido foi, em anos recentes, por iniciativa da actual direcção da Tecnicelpa, alvo de um estudo de que resultará uma obra a ser publicada, sob os auspícios daquela Associação Portuguesa dos Técnicos das Indústrias de Celulose e Papel.



Página do Boletim da Tecnicelpa de outubro de 1988, em que se descreve o trabalho do GIMA.

- 8 Desde o início dos nossos trabalhos no GIMA que se nos depararam diversos problemas técnicos, característicos de quem se propõe proceder à recolha sistemática de marcas d'água em papéis antigos, impressos ou manuscritos. Relembro este facto porque, um quarto de século depois, impuseram-se-me as mesmas questões.
- 9 Naquele tempo, em Boletim da Tecnicelpa, tivemos oportunidade de elucidar sobre estas questões.
- 10 Escrevemos então:
- “A recolha de marcas-d'água colocava vários problemas técnicos nem sempre satisfatoriamente resolvidos (...) posto que estavam de lado os recursos à fotografia por excessivamente onerosos: ou os rígidos regulamentos das bibliotecas não permitiam a recolha pelo sistema de decalque em papel vegetal devido ao natural receio de danificar as obras, ou a posição da filigrana na dobra do fólio dificultava a sua reprodução, ou ainda a falta de luz, nalgumas salas, impedia a ‘leitura’ das marcas de água à transparência.
- Uma mesa de luz não bastava. Podendo ser usada, embora, na recolha de filigranas dos manuscritos, onde os fólios estão normalmente soltos (...), o mesmo não acontece com os livros impressos, muitas vezes volumosos e pesados, não permitindo estender-se as folhas na mesa de luz de forma adequada para uma boa reprodução.
- (...) Inventámos, então, o filigranoscópio, (...) uma mesa de luz leve e móvel, cuja face vidrada pode, sem causar dano, ser apoiada (...) na dobra do livro. Um foco móvel de luz fria, uma folha de Perspex protectora (...) e a reprodução executada em acetatos com canetas de feltro, completam o trabalho.
- Os “protótipos” de cada espécimen são rigorosamente reproduzidos no seu tamanho natural (...).”
- 11 Vinte e cinco anos percorreram o seu tempo, entretanto.
- 12 Felizmente, o panorama mudou e os recursos da investigação na nossa área são outros.

- 13 No período inicial desta nova investigação, na companhia do Prof. Artur Anselmo, visitámos o Museu do Papel, em Paços de Brandão, dirigido pela Dra. Maria José Santos, onde nos foi mostrado o aparelho que os técnicos do Museu usam para recolha de marcas d'água.
- 14 Trata-se de um modelo comercializado pela Neschen, denominado FOLS – Fibre Optic Light Sheet, o qual, criado com o mesmo intuito, assegura com maior maleabilidade de funcionamento as funções do “nosso” velhinho filigranoscópio.
- 15 Trata-se, no fundo, de uma folha móvel de luz fria que, fácil e levemente, se pode introduzir entre os fólhos da obra a ser examinada.
- 16 Assim, desde meados de 2010, retomámos a busca de marcas d'água, desta vez com a intenção de recolher e catalogar filigranas de obras impressas em Portugal entre 1501 e 1800. Tal significa que haverá que reproduzir marcas d'água de livros produzidos pelos cerca de trezentos impressores que laboraram no nosso país naquele período extenso de três séculos.



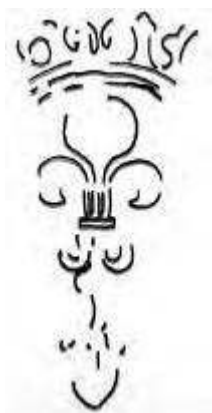
O aparelho FOLS. Recolha de marcas d'água com FOLS e filigranoscópio.



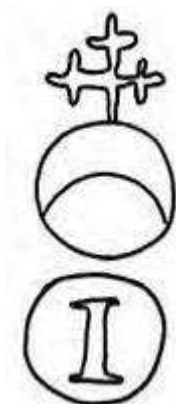
Processo de catalogação e selecção das filigranas para reprodução.



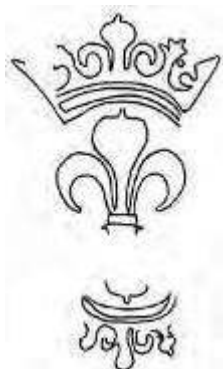
Frutuoso Lourenço de Basto  
Braga, 1624  
*Musa Panegyrica in Theodosium*



Pedro Ferreira  
Lisboa, 1755  
P. Luiz Montez Mattozo  
*História do Senhor Roubado*



José António Da Silva  
Lisboa, 1736  
Filipe José da Gama  
*Oração fúnebre na morte do Senhor D. Manuel Caetano de Sousa*



António Isidoro da Fonseca  
Lisboa, 1739  
Thomaz Caetano de Bem  
*Panegírico ao Senhor D. Francisco de Almeida Mascarenhas*



Oficina Joaquiniana da Música de Bernardo Fernandes Gayo  
Lisboa, 1739  
Fr. Francisco de Santa Rosa Viterbo  
*Apêndice ao Tesouro dos Cristãos* – tomo II

- 17 Propomo-nos, pois, recolher entre duas e três marcas d'água de papéis utilizados por cada um desses impressores, o que totalizará entre 600 e 750 filigranas.
- 18 Até ao momento, e pelo facto de aí concorrerem as melhores condições, no que comporta quer ao acervo bibliográfico, quer à amável disponibilidade e diligência dos seus bibliotecários, o nosso trabalho heurístico tem-se desenvolvido na Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa.
- 19 Tive já o ensejo de, até ao momento, consultar 246 obras, grande parte delas constante de miscelâneas compactas e extensas. Destas obras, fruto do labor de 71 impressores, fiz uma selecção prévia de aproximadamente 740 papéis filigranados. Essas marcas d'água têm vindo a ser reproduzidas em acetatos, com a ajuda do FOLS, pela arquitecta Cláudia Castro, que já nos acompanhou na investigação promovida pelo GIMA em 1986.
- 20 Procuraremos, em relação a cada um dos impressores, coligir os dois ou três exemplares de marcas d'água que se encontrem nas melhores condições de visibilidade, fazendo com que “apareçam” apenas os traços bem visíveis da filigrana, sem completar o desenho “por intuição”, ou seja, sem inventar.
- 21 Recorremos, pois, a um processo manual – que tem como preceito básico os cuidados a ter com o exemplar, tantas vezes danificado pela roda do tempo, diverso de outros porventura mais completos, mas certamente mais onerosos. Estamos, de qualquer modo, um passo adiante dos processos reprodutores que se limitam a examinar os livros à transparência, recorrendo à luz solar e à perícia de qualquer exímio “desenhador à distância”.

---

## ABSTRACTS

O estudo da iconografia do livro impresso em Portugal entre os séculos XV e XVIII não prescinde do levantamento, tão extenso quanto possível, de marcas de água e contramarcas identificadoras do papel em que as obras foram estampadas. Este levantamento sistemático é tanto mais indispensável quanto são raros e avulsos os estudos portugueses neste campo da investigação

histórica. O conjunto de marcas a reunir, algumas centenas de unidades, permitirá uma visão cronológica e panorâmica dos motivos iconográficos das filigranas utilizadas na produção do papel das obras impressas no nosso país, revelando a sua origem e contribuindo para a investigação no âmbito histórico, artístico e económico.

The study of the iconography of the printed book in Portugal between the 15th and 18th centuries does not do without the survey, as extensive as possible, of watermarks and countermarks, identifying the paper on which the works were printed. This systematic survey is indispensable as Portuguese studies are rare and loose in this field of historical research. The set of marks to gather, a few hundred units, allow a chronological and broad perspective of iconographic motifs of the filigree used in paper production of printed works in our country, revealing its origin and contributing to the research carried following historical, artistic and economic perspectives.

## INDEX

**Keywords:** paper, watermarks, iconography, printed book

**Palavras-chave:** papel, marcas de água, iconografia, livro impresso

## AUTHOR

### HENRIQUE TAVARES E CASTRO

CHC/FCSH-UNL / CHAM/FCSH-UNL e UAç.

Licenciado em História pela Universidade de Coimbra, mestre em Literatura e Cultura Portuguesa pela Universidade Nova de Lisboa, com uma dissertação sobre *Oficinas tipográficas de Entre-Douro-e-Minho (1601-1750)*. De 1986 a 1988, coordenou a actividade do GIMA – Grupo de Investigação de Marcas-d'água da Tecnicelpa. Foi o tradutor para português da obra de Lucien Febvre e Henri-Jean Martin, *L'Apparition du livre*.

Has a degree in History (University of Coimbra), a MA in Literature and Portuguese Culture at Universidade Nova de Lisboa, with the dissertation *Oficinas tipográficas de Entre-Douro-e-Minho (1601-1750)*. From 1986 to 1988, he coordinated the GIMA activity (Grupo de investigação de marcas d'água, Tecnicelpa (Watermarks research group)). He translated into Portuguese the work of Lucien Febvre and Henri-Jean Martin, *L'Apparition du livre*.